

Categorias de análise textual aplicadas à leitura e à produção de textos

Joana Maria Eleutério¹

RESUMO: O artigo narra a trajetória dos estudos empreendidos por mim com o objetivo de aprender e apreender o que seriam as categorias de análise textual. O início se deu com os textos indicados na bibliografia da ementa de uma disciplina do Curso de Pós-graduação que estou quase concluindo. Começamos pelos de Ingedore Koch, que depois foram complementados e, seguramente iluminados, com outros textos da *web* – mais explícitos em relação à conceituação e ao uso das categorias de análise textual – tanto na leitura quanto na produção de textos. De todos os textos lidos, três foram básicos e centrais para minha reflexão: *Leitura e Produção textual de alunos universitários* (AQUINO, 2001), *A escola e o ensino da leitura* (FERREIRA E DIAS, 2002) e *Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva* MORAES (2003). Ao final, os conhecimentos adquiridos e a reflexão realizada durante a pesquisa permitiram-nos concluir que percorremos o caminho em etapas que caracterizam as categorias de análise abordadas pelos autores lidos, devidamente citados nas referências.

PALAVRAS-CHAVE: Categorias de análise textual, leitura, compreensão e produção de textos, construção do sentido/significado e produção e divulgação do conhecimento acadêmico, metatexto.

Introdução

*Escrever é um ócio trabalhoso.
Goethe*

Nos últimos anos, temos visto o aparecimento de inúmeras publicações de diversos professores e pesquisadores que buscam entender e esclarecer como se dá o processo da compreensão e da construção do significado/sentido no texto. Com uma orientação adequada, os benefícios dessa reflexão conjunta de professores e alunos vêm se confirmando. O primeiro deles é possibilitar a melhor compreensão das características e das particularidades desse exercício de leitura e de produção de textos. Consequentemente, isso implica e favorece a respectiva e fundamental disseminação do conhecimento no mundo acadêmico.

Nesse contexto, a relevância do papel do ensino da leitura e da escrita destaca-se, uma vez que a escola é o espaço privilegiado para o contato, de forma sistematizada, com o sistema de escrita e, sobretudo com a leitura de textos cujos atributos científicos precisam ser devidamente assimilados pelos estudantes. Como instrumentos imprescindíveis na produção, na ampliação, na organização e na divulgação do conhecimento por meio de textos, tais atributos só alcançarão esse objetivo se bem compreendidos e bem elaborados pelos sujeitos da pesquisa acadêmica. No

¹ Aluna do Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* – Língua Portuguesa/Revisão de Textos. O estudo foi um dos requisitos para a aprovação na disciplina *Texto e a construção do Significado/Sentido*. UNICEUB/Brasília-DF –2010. Email: joaneleuterio@gmail.com

entanto, lamentavelmente, nossas escolas parecem falhar porque nem sempre possibilitam ou facultam esse *pensar sobre o texto*¹ desde o seu contexto de produção, passando pela intenção dos autores na perspectiva intertextual e dos demais recursos estratégicos utilizados na sua produção e na sua compreensão. Raramente se vê a preocupação de ensinar a leitura daquilo que há por trás do que foi dito ou omitido e, muitas vezes, o que se vê é quase imposição de uma leitura de mão única, como costuma ocorrer, mesmo no nível de ensino superior. Segundo Morim, cujo trabalho objetiva sensibilizar para a questão da complexidade característica das ações e fenômenos humanos, necessitamos reformular os paradigmas atuais da educação para facilitar o desenvolvimento da autonomia e do espírito de busca dos alunos, sobretudo dos universitários. Para ele, portanto, o dever do encorajamento ao autodidatismo para se chegar ao conceito do que ele considera “a cabeça bem feita” seria a premissa na formação educacional. O educador francês enfatiza que “mais vale uma cabeça bem feita do que bem cheia.” (p. 21). Ele argumenta ainda, nos dizendo:

Ora, o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita. Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente pela capacidade de contextualizar e englobar. (MORIN, 2006, p.15)

Depois de cursar um pouco mais de dois terços do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa/Revisão de Textos e, já quase no final da importante disciplina *Texto e a Construção do Significado/Sentido*, no momento de fazer a escolha do tema para o Seminário final, percebi que, entre as opções listadas pela professora, um tópico me parecia extremamente nebuloso: *Esquematização: categorias de análise textual*. Essa constatação motivou-me para fazer o estudo e foi aí que parei para pesquisar e refletir sobre o tema. Depois da leitura dos livros da bibliografia básica²: *Ler e Escrever – estratégias de produção textual*; *Ler e compreender – os sentidos do texto e Desvendando os sentidos do texto*, meu conhecimento ainda não estava claro.

Buscando alternativas para melhor compreender

A atividade de compreender é um reflexo incontável do ler.
Wilhelm Egger (2005, p.10)

Lendo, a ânsia de compreender foi aumentando e, na mesma proporção, também a angústia provocada pela sensação de não conseguir avançar. Fazia leitura e releituras, no entanto, o tópico principal de minha busca não aparecia explicitamente nos textos iniciais da bibliografia apontada na ementa da referida disciplina. Assim, navegando pela *web*, encontrei um texto fundamental para a construção de um conhecimento estruturado e aplicável sobre o assunto:

¹ “Ensina a ler não quem cobra mil leituras ou usa técnicas sofisticadas de motivação, mas sim aquele que dá o exemplo e lê sempre, sempre falando para os seus alunos, empolgado, do que está lendo. Ensina a escrever não quem exige duas redações por semana, mas sim aquele que dá o exemplo e mostra que escreve e reescreve continuamente suas ideias.” (Bernardo, 2010, p.12)

² Os dois primeiros livros de Ingedore Villaça Koh – da Editora Contexto – foram escritos em parceria com a professora de linguista Vanda Maria Elias. O terceiro é da Cortez Editora.

Leitura e produção textual de alunos universitários. No site oficial da professora Mirian de Albuquerque Aquino, da Universidade Federal da Paraíba - UFPA, entre os artigos lá publicados, um título me chamou logo a atenção porque continha um *link* que sobressaiu diante dos meus olhos: *Categorias de Leitura na Análise da Produção Textual de Universitários.*

Da dificuldade inicial – os primeiros passos.

Como já foi dito, Os primeiros passos foram orientados pelos textos de Ingedore Villaça Koch, licenciada em Letras e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela USP. Ela é mestre e doutora em Língua Portuguesa pela PUC-SP e ainda livre-docente em Análise do Discurso pela Unicamp. Na PUC-SP, a professora atua nos cursos de Letras e Jornalismo, na pós-graduação e na especialização. Como professora titular do Departamento de Linguística do IEL-Unicamp, onde ela implantou a área de Linguística Textual. Para Koch, os textos são formas de cognição social, cujo papel mais importante é possibilitar a organização cognitiva do mundo, além de serem também excelentes meios de intercomunicação, bem como de produção, de preservação e de transmissão do saber.

No primeiro livro consultado – *Desvendando os segredos do Texto*:

a autora aponta com precisão de linguagem a importância que o leitor assume diante de um texto (construto histórico e social) para instituir-se como sujeito e, como um artesão, poder construir prazerosamente um sentido para seu trabalho de tessitura com as palavras. Para que o leitor possa construir um sentido, que não se dá de maneira linear e seqüencial, é necessário realizar um constante movimento em variadas direções recorrendo a diversas fontes de informação, textuais e extratextuais. (MATOS, 2003)

Koch ainda nos apresenta o contexto como um intermediário fundamental entre a situação e o sistema lingüístico, de acordo com Malinowski (1923), quando se busca compreender a mensagem textual. Em seguida, fizemos a leitura de *Ler e compreender os sentidos do texto* – escrito em parceria com a linguista e professora Vanda Maria Elias. Neste livro,

a leitura é assumida como uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realizam evidentemente com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (SILVA, 2006).

O sistema de conhecimento e processamento textuais, o contexto, a intertextualidade, a referenciação, a sequenciação textual e gêneros textuais são alguns dos fenômenos estudados na obra. Por último, tomamos o livro *Ler e escrever Estratégias de produção textual*, também escrito em parceria com Vanda Maria Elias. O capítulo “Escrita e Intertextualidade” é o que nos interessava naquele momento. De forma simples e didática, as autoras trazem-nos as principais estratégias de produção de texto.

Das leituras básicas – primeiras conclusões.

Depois de ler esses textos de Koch, concluí que as categorias de análise textual praticamente se confundem com os critérios de textualidade, quais sejam: a intertextualidade, a contextualização, a referenciação, a coesão, a coerência, a consistência, a relevância etc. Percebi que os textos são formas de elaboração, de diferenciação e de estruturação do conhecimento que, em sua dinâmica, assumem algumas formas de controle, de crítica e de transformação do conhecimento socializado. Como expressão linguística estruturada e coerente, possibilitam a visibilidade do conhecimento e, conseqüentemente, transformam-se também em pontos de partida para a assimilação do conhecimento e para a criação de novos textos sobre o mesmo tema e/ou temas correlatos.

Um texto complementar e fundamental

Ainda confusa e insegura, lendo alguns textos na Internet, comecei a ver com mais clareza o assunto e foi reconfortante dar os passos seguintes através do texto de Aquino. A autora, no tópico 2 de seu artigo – Construindo as categorias textuais – diz que:

A relevância da análise do texto é determinada pela natureza do material analisado. Um estudo que se propõe analisar um texto requer categorias que permitam visualizar melhor as peculiaridades e relações do objeto em estudo. **As categorias são conceitos básicos que pretendem interpretar e refletir os aspectos do real, suas conexões e relações, correspondendo às condições concretas, adquirindo consistência e sentido quando se referem a um contexto histórico-social determinado.** Elas não são formas puras que dão conta do real, definitivamente, já que a realidade é dinâmica e contraditória (CURY, 1986, *apud* AQUINO, 2001, p.2) ¹.

Mais adiante, Aquino informa-nos que, para dar conta da especificidade do objeto de leitura e da produção textual dos alunos universitários e participantes da pesquisa, quatro categorias de análise foram identificadas: *desvelar, questionar, argumentar e posicionar*. Esclarece que o conceito de leitura deveria estar bem sintonizado com a posição assumida por ela e por seus pares no estudo e que isto teria sido determinante para a escolha dessas categorias. Tal posição estaria afinada, explica-nos a pesquisadora, em primeiro lugar, com Orlandi, reconhecendo a leitura como “o momento crítico da constituição do texto, um momento privilegiado da interação, aquele em que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao se constituírem como tais, desencadeiam o processo de significação do texto” (ORLANDI, 1987, *apud* AQUINO, 2001). Esta posição esta foi ampliada e ancorada pela visão da leitura e produção de texto (produção do conhecimento) como um processo dinâmico, quando o pesquisador assume o seu papel de sujeito produtivo. A autora, então defende que o pesquisador não pode se contentar com a mera reprodução do conhecimento dado, para que ele possa abrir espaço para o desvelamento, o questionamento, a argumentação e o natural posicionamento, que levam à reconstrução dialética das idéias. Então, ela afirma que só nesse momento ela pode significar as respectivas teorias:

¹ Destaques meus

Diante dessa compreensão, tornou-se necessário retomar o conceito de leitura, proposto por Eni Orlandi, e reconceitualizá-lo. Os sentidos apreendidos, desse conceito de leitura e das sistematizações teóricas capturadas em estudos realizados por Marx, Gramsci e Pêcheux e presentes, também, às reflexões de Paulo Freire, Cipriano Luckesi e Eni Orlandi, permitiram-nos significar as categorias de análise. (AQUINO, 2001, p.3)

Finalmente, a autora compartilha conosco uma conceituação muito clara do que ela entende sobre cada categoria aplicada no contexto da pesquisa realizada na Universidade Federal da Paraíba:

1. Desvelar - consiste num momento de reflexão em que o sujeito busca, desmistifica e revela as inter-relações e as particularidades componentes do objeto, as circunstâncias em que o mesmo se manifesta, procurando articular o todo. Consiste em buscar o nexos entre o conteúdo do texto e a realidade a que ele se refere. Em se tratando da leitura crítica e textual, o papel do leitor é o de desvelar as afirmações e os pontos de vista do autor, estabelecendo uma relação discursiva com o texto, um contradiscurso.

2. Questionar - consiste num momento em que o sujeito retoma uma problematização e a contesta. Parte da premissa de que a noção de leitura não se acomoda a um sentido definitivo, mas a uma multiplicidade de leituras que implica despojar-se das idéias preconcebidas e admitir outras vozes no texto, uma vez que toda leitura requer outras leituras.

3. Argumentar - consiste num momento em que se visualiza um sujeito que, diante do texto, capta a sua intencionalidade e contradições. O papel do leitor é o de conhecer os recursos argumentativos e saber utilizá-los para fazer valer o seu contradiscurso, observando que o do autor do texto quase sempre utiliza determinados procedimentos argumentativos para fazer valer determinadas afirmações e conclusões como verdadeiras, acionando argumentos para convencer ou influir no comportamento do leitor.

4. Posicionar - consiste num momento em que o sujeito (leitor) compreende que pode tornar-se objeto da leitura, dependendo da atitude que ele assumir ante a realidade. Ao se aproximar do mundo, o homem pode assumir uma posição crítica ou ingênua. O leitor vê o posicionamento como um ato da experiência da realidade, que não é ainda conscientização, uma vez que esta ocorre quando nos adentramos na realidade, desvelando os seus implícitos e penetrando na essência do objeto de análise. Posicionar-se criticamente é o adentrar-se, criticamente, na história. Implica os homens assumirem o papel de sujeitos que desvendam e refazem o mundo (Freire, 1992).

(AQUINO, 2001, p.3-4)

Aquino (2001), esclarecendo-nos que só com base nessa compreensão e também no conceito de leitura assumido – elaborado por Orlandi – qual seja: “o conceito de leitura e a produção textual passam a ser operacionalizados, aqui, como o momento de constituição textual”, é que surge o novo texto. A autora deixa claro que:

Dessa maneira, leitura e produção textual, neste estudo, são consideradas como: (a) momento crítico da constituição do texto” (desvelar); (b) o momento privilegiado da interação” (argumentar e questionar;); (c) o momento “em que os interlocutores se identificam como interlocutores” (posicionar); (d) momento em que desencadeia o processo de significação” (produção do texto – reconstruir)

(AQUINO, 2001, p. 4)

A autora acrescenta ainda:

A presença de uma ou mais categorias, em diferentes momentos da leitura do texto, justifica-se pelo fato de a leitura ser um processo dialético, envolvendo elementos

que se articulam e se interpenetram para manter a coesão e a coerência discursiva. Estas categorias surgem, agora, como momentos de análise e síntese que são elementos constitutivos da unidade textual. A análise é o processo de reflexão sobre um objeto de estudo ou um ponto de vista em que separamos e observamos as suas singularidades para confrontá-las com a realidade. A síntese define-se como um processo de reconstrução do objeto de estudo, podendo ser articulado aos elementos apreendidos (partes) para, coerentemente, alcançar a totalidade. (AQUINO, 200, p.4)

Tratando da análise de textos, pertinente ao tema leitura crítica e produção textual na universidade, o texto de Aquino possibilitou-me a reflexão e a construção do conhecimento, que ainda pode ser compartilhado com os colegas da turma na apresentação do seminário.

Considerarei muito interessante que, nas categorias de Aquino esteja implícito o que caracteriza os vários fatores de textualidade, vistos durante as aulas: a coesão, a coerência, a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade, o contexto, a intencionalidade, a referenciação etc. Durante o seminário, tivemos a rica oportunidade de fazer o exercício de busca procurando relacionar esses tópicos estudados em classe às categorias de análise textual de Aquino (2001). Isso levou a turma a concluir, unanimemente, sobre o quanto o conhecimento adquirido é fundamental para o nosso trabalho de revisão de texto, especialidade do Curso que já se aproxima do final.

Outros textos no mesmo contexto.

Seguindo nossa viagem pela Internet, um texto convidou-nos a uma parada para compartilhar a reflexão muito apropriado ao nosso tema. Ferreira & Dias (2002), lembram-nos o papel da escola em relação ao ensino da leitura e da escrita e até descrevem-no. As autoras defendem que “o procedimento deve favorecer a promoção da habilidade de compreensão e de seu monitoramento.” Afirmando também que, a despeito da existência das atuais mídias, que permitem o acesso mais fácil às informações, a escrita ainda é o meio mais eficaz e fundamental para este fim. “Ao ler, o indivíduo constrói os seus próprios significados, elabora suas próprias questões e rejeita, confirma e/ou reelabora as suas próprias respostas”, nos dizem ainda as autoras, argumentando que:

É ele quem inscreve ou reinscreve o significado do escrito a partir de sua própria história. Diferentemente da escrita, as outras mídias são mais prováveis de “aprimorarem” o não-leitor, já que as informações nelas veiculadas refletem uma seleção consciente daqueles leitores que as fazem e as despejam sobre os primeiros. Ademais, com o aparecimento de outros meios de comunicação, a relação alfabética e instrumental com a escrita perde sua força, uma vez que distancia os indivíduos alfabetizados do contato laborioso com a mesma. (FERREIRA & DIAS, 2002)

Citando Foucault (1994; 1997), as pesquisadoras fazem também uma bela reflexão sobre a importância da escrita como um instrumento do pensamento reflexivo. Dizem elas:

É a escrita que permite a construção de pontos de vista e de uma visão de mundo, e a atribuição de sentido a este mundo. Já a leitura é aquela que vai em busca desses pontos de vista, verificando-os, questionando-os e investigando os meios de sua elaboração. Só a leitura, entendida como uma atividade social e reflexiva pode

propiciar uma relação criativa, crítica e libertadora com a escrita, mostrando-se como um desafio para qualquer processo de democratização e mudança social coletiva. (SOLE, 1988, apud Ferreira & Dias, 2002).

Embora o artigo das autoras tivesse o foco no ensino da leitura e da escrita no Ensino Fundamental, foi muito elucidativo a sua leitura na conclusão da disciplina em questão: *Texto – construção do sentido/significado*. No curso, em nível de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, muitos de nós ainda não adquirimos o hábito fundamental da leitura que nos leve a desfrutar a potência dessas ferramentas, tal como descritas por Ferreira & Dias (2002). Infelizmente, a formação de leitores críticos e reflexivos, muitas vezes, ainda não é fato e nem objetivo ou preocupação para grande parcela de alunos e professores.

Apesar deste ensaio já ter se alongado mais do que eu planejava, não posso deixar de citar Moraes (2003) e o seu maravilhoso artigo: *Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva*. Como o autor nos diz no resumo, o artigo procura a examinar processos de análise textual qualitativa em um ciclo de análise constituído de três elementos – *unitarização, categorização e comunicação* –, apresentando-se como um movimento que possibilita a emergência de novas compreensões com base na auto-organização. Trabalhando com a metáfora de uma tempestade de luz, o autor procura criar uma imagem que traduza o modo como as novas compreensões no processo analítico emergem, atingindo novas formas de ordem com a participação do caos e da desordem.

Moraes apresenta-nos uma abordagem que organiza seus argumentos por meios de quatro focos principais: *desmontagem dos textos, estabelecimento de relações, captando o novo emergente e processo auto-organizado*. Ao descrever essas categorias, o autor enfatiza que o ciclo de análise textual é focalizado e entendido como um exercício de elaborar sentidos. Discutindo os aspectos fundamentais para a produção do significado/sentido: a questão da polissemia, leitura do manifesto ou explícito/denotação e ainda da leitura do latente ou implícito/conotação etc., o autor adverte que “Toda leitura é feita a partir de alguma perspectiva teórica, seja esta consciente ou não.” Ao detalhar cada um das quatro categorias citadas acima, Moraes faz profunda análise de todo o processo de leitura e de produção de textos que desemboca inevitavelmente no que ele chama de *matatexto descritivo-interpretativo*. Com uma enorme densidade poética, o autor explicita os aspetos fundamentais para a nossa atividade de leitura e de produção dos sentidos/significados do texto:

O esforço em realizar análises cada vez mais significativas solicita que o pesquisador procure superar uma descrição estática, para conseguir captar a realidade em movimento. O desafio é ir de uma fotografia para um filme com seu movimento dinâmico, mesmo que este também se constitua em uma seqüência de tomadas estáticas. Isso, evidentemente, tem relação com a forma como o pesquisador concebe a própria realidade. Estamos aqui nos posicionando em relação à aceitação de uma realidade entendida como dialética, em permanente movimento de superação. Captar essa dinâmica da realidade é conseguir compreender e descrever o movimento contraditório da realidade, em que novas teses emergem continuamente a partir do questionamento e superação de antigas teorias. (MORAES, 2003, p.206)

Uma análise qualitativa de textos, culminando numa produção de metatextos, pode ser descrita como um processo emergente de compreensão, que se inicia com um movimento de desconstrução, em que os textos do corpus são fragmentados e desorganizados, seguindo-se um processo intuitivo auto-organizado de reconstrução,

com emergência de novas compreensões que, então, necessitam ser comunicadas e validadas cada vez com maior clareza em forma de produções escritas. Esse conjunto de movimentos constitui um exercício de aprender que se utiliza da desordem e do caos, para possibilitar a emergência de formas novas e criativas de entender os fenômenos investigados. (Idem, p.207)

Conforme Moraes (2003, p.207), o processo descrito pode ser entendido como um ciclo, representado na seguinte figura:

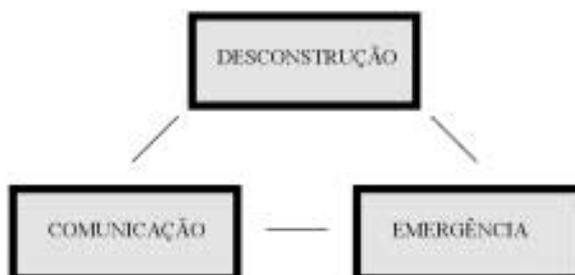


Fig. 1: Ciclo da análise textual qualitativa

O autor, quase concluindo o seu texto, deixa-nos um recado importante no tópico “Comunicando as compreensões emergentes”, quando nos diz que o terceiro estágio do ciclo de análise é a comunicação das novas compreensões atingidas ao longo dos dois estágios anteriores. É um exercício de explicitação das novas estruturas emergentes da análise, que se concretizam em forma de metatextos em que os novos *insights* são expressos em forma de linguagem, em profundidade e detalhes. Ensinando-nos que muitos dos materiais iniciais são descartados, sempre na procura de um texto com clareza e rigor, o autor afirma que:

O desafio é tornar compreensível o que antes não o era, e isso precisa ser feito com um texto de qualidade e sabor. Nisso pode desempenhar um papel importante o uso de metáforas. Eventualmente a própria compreensão já emerge em forma de metáfora. Também poderão ser úteis esquemas e figuras, mas entendemos que é essencial a construção de um texto em que cada uma de suas categorias ou partes sejam perfeitamente integradas num todo. Para isso é importante que haja uma “tese” ou argumento central, capaz de possibilitar o encadeamento das partes no todo.

(MORAES, 2003, p.208)

Conclusão

Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida. também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.
Machado de Assis

Diante de toda construção e desconstrução por mim realizada nesse tatear o conhecimento a respeito do tema escolhido para a minha participação no seminário, posso concluir que o bom ensino não é apenas o que se situa um pouco acima do nível atual do aluno. O bom ensino é aquele que garante o aprendizado e a respectiva interiorização do que foi ensinado e, sobretudo, o seu uso autônomo por parte dos estudantes.

As categorias de Aquino (2001): *desvelar, questionar, argumentar e posicionar* – elementos fundamentais ao processo crítico da leitura, somadas à despretenhosa reflexão de Ferreira & Dias (2002), iluminadas pela “tempestade de luz” de Moraes (2003) são pistas para se trilhar um caminho seguro para a reflexão de alunos em nível de pós-graduação que pretendam abraçar a difícil tarefa de revisar textos alheios, com responsabilidade e competência.

Nesse caminho, meio às cegas, trilhado por mim na construção do conhecimento imprescindível para a profissão que pretendo abraçar na maturidade (já estou chegando aos sessenta anos), encontrei muita dificuldade, mas as metáforas de Moraes transformaram-se em uma pequena mostra do prazer e da alegria dessa caminhada finalizada com luz tão resplandecente¹. A sensação que fica é de que vale a pena perder algumas horas de sono e até mesmo fins de semana regados com um chopinho e com o bom papo com amigos. Se é que posso considerar este ensaio como um metatexto, nos termos de uma tempestade de luz, não estou tão segura, mas que eu andei bastante e avancei, isso é inquestionável.

REFERÊNCIAS:

AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Leitura e Produção Textual de Alunos Universitários**. 2001. Disponível em: <http://www.ldmi.ufpb.br/mirian/artigos.htm> Acesso em 05/08/2010.

BERNARDO, Gustavo. **Redação Inquieta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

EGGER, Wilhelm. **Metodologia do Novo Testamento** – Introdução aos métodos lingüísticos e históricos-críticos. Tradução de Johan Konings e Inês Borges. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

FERREIRA, Sandra P. A. & DIAS, Maria da Graça B. B. **A Escola e o Ensino da Leitura**. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n. 1, p. 39-49, jan./jun. 2002 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a05.pdf> Acesso em 10/08/2010.

KOCH, Engedore. **Desvendando os segredos do Texto** – 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 13-73.

KOCH, Ingedore e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os Sentidos do Texto**. São Paulo, Contexto, 2008. p. 122-135.

----- **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 102-125.

MATOS, Cleusa M. Alves de. **Resenha – Desvendando os segredos do Texto** – INGEDORE G. VILLAÇA KOCH – São Paulo: Cortez Editora, 2002. 168 pp. Revista Espaço Acadêmico – Ano III – Nº. 24 – Maio de 2003. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/024/24res_koch.htm Acesso em 27/07/2010.

MORAES Roque. **Uma Tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. In: *Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: www2.fc.unesp.br/cienciaeducacao/include/getdoc.php?id=150... Acesso em 21/08/2010.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. – 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SILVA, Wagner R. **Resenha - Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: http://www.abralin.org/revista/RV6N2/13_resenha_wagner.pdf Acesso em 30/07/2010.

¹ Não posso deixar de agradecer à professora Doutora Denise Martins - orientadora da minha monografia final do curso - pela leitura carinhosa e pelas generosas sugestões de revisão desse ensaio. Contar com essa professora nesse trajeto foi também poder ser constantemente iluminada por suas palavras, por seu trabalho amoroso, sua lucidez, seu exemplo e o diálogo atencioso e constante.

ANEXO I

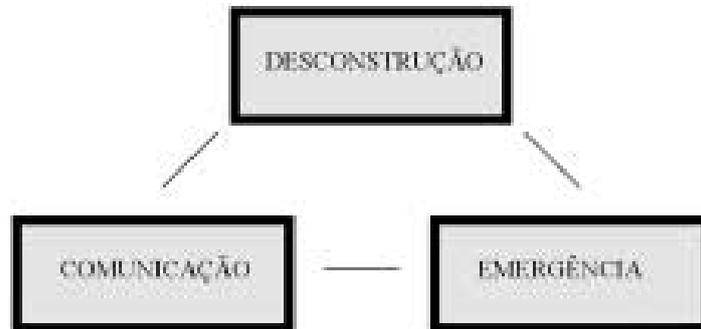


Fig. 1: Ciclo da análise textual qualitativa